A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM: VIVA O POVO BRASILEIRO

H. L. Dias (1)

(1) Doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Macker

COMO CITAR O ARTIGO:

H. L. Dias (1) **A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM: VIVA O POVO BRASILEIRO.** URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html. São Paulo SP, v.7, n.3, p. 16-31, jul/2017.

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da metaficção textual de João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro*, a partir dos estudos realizados em seminários literários, incluindo encontros pautados em literatura, considerando as perspectivas da crítica, à luz de publicações de teóricos, analisando a estrutura do romance, os diferentes aspectos capazes de transmitir ao leitor uma variação de pontos de vista, além de uma escrita repleta de mensagens por meio de artifícios, metáforas e um hiper realismo nas descrições.

Palavras-chave: Metaficção historiográfica, literatura, intertextualidade, identidade.

ABSTRACT

This article presents an analysis of textual metafiction of João Ubaldo Ribeiro in *Viva o Povo Brasileiro*, from studies in literary workshops, including guided encounters in literature, considering the perspectives of criticism in the light of theoretical publications, analyzing the structure of romance, different aspects able to convey to the reader a range of views, and a full written messages through devices, metaphors and a hyper realistic descriptions.

Keywords: historiographical metafiction, literature, intertextuality, identity.

1 A metaficção historiográfica em Viva o povo brasileiro

O livro de João Ubaldo Ribeiro, muito longe de ser considerado um romance tradicional, apresenta elementos de riquíssima contribuição para a conjuntura de análise literária, em especial quanto aos efeitos metaficcionais. Partindo de narrativas de núcleos diferentes (verificáveis por meio das personagens Barão de Pirapuama, Amleto Ferreira, Maria da Fé, Vevé, Patrício Macário, Nego Leléu, Vu e outros), a paródia e a presença do traço crítico satírico constituem uma característica marcante nos capítulos, que de maneira não linear apresenta mudança de grafismos, a contestação das chamadas verdades, não necessariamente em absoluta oposição, mas sim em caráter questionador, e também recriando um painel histórico do ponto de vista do autor e leitor, que pode variar conforme o conhecimento de cada indivíduo.

A metaficção historiográfica apresenta um novo olhar para a narrativa quanto ao conhecimento dos fatos históricos, se por um lado a memória pode representar um elemento propulsor na criação literária, existe outro viés de interagir com a arte; eis um dos principais efeitos da metaficção, o autor ao transgredir a tradicionalidade e a trivialidade de um romance inova e provoca, muitas vezes de modo enfático e outras de maneira sutil, e o leitor em contato com uma determinada identidade, definida em larga escala no seu cotidiano e outros possíveis elementos formadores de identidade fornecidos pelo autor, pode discutir e buscar outras opiniões que contribuem com o painel social.

Linda Hutcheon em *Poética do Pós Modernismo* (p. 141), traz o seguinte pensamento sobre as leituras críticas da história e da ficção:

> Considera-se que as duas obtém suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizados em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Ao chamarmos o texto de artificioso, nota-se um olhar para a mistura de personagens verídicos e fictícios. A Rua da Matriz, a Praça da Vila, como no capítulo em que no ano de 1826, temos o Imperador e a Imperatriz representados. Perilo Ambrósio, o Barão de Pirapuama, é tecido pelos fios da farsa, engendrando uma figura quase totalmente alegórica que simultaneamente é reconhecida pelos leitores na personalidade e atitudes de pessoas que de fato fizeram parte do cenário da realidade brasileira.

Em parágrafos extensos, o narrador apresenta características da personagem, o que permite maior proximidade, além da utilização de analepses, o discurso indireto livre em que o narrador entra no discurso da personagem. A narração pictórica apresenta intertextos que enriquecem a leitura, tanto do ponto de vista criativo quanto informativo. Essa invasão da consciência das personagens revela aspectos da metaficção historiográfica que destacam a obra dos romances considerados tradicionais.

O narrador ao se colocar na voz dos escravos (no capítulo da morte do Barão) apresenta uma narrativa bastante contundente e muito bem alinhavada contendo humor satírico. Nota-se o indício crítico na festa da senzala, quando a escrava envenena o Barão. Após a morte do Barão o personagem Amleto ganha maior destaque, dando continuidade

a um processo que pode ser visto como resultante de ações das personagens mais antigas em face de toda a história.

Outros personagens também são muito notáveis pelas características, como Dadinha, neta de um índio canibal, este que, no segundo capítulo, *Vera Cruz de Itaparica, 20 de dezembro de 1647*: “O caboco Capiroba apreciava comer holandeses” (p.37). Logo na primeira frase desse capítulo há um inegável impacto, ainda que ocorra no mínimo grau, despertando no leitor um interesse de saber em quais circunstâncias, em qual contexto, de que forma algo que não é comum perante a instituição social estabelecida é realizado.

Dadinha, aliás, traz uma verdadeira miscelânea cultural, curiosamente em sua mais tenra vida rudimentar, não sendo esclarecida na visão dos nobres, muito menos valorizada pelos detentores do poder, todavia, uma figura indiscutivelmente emblemática.

No capítulo “Salvador da Bahia, 17 de março de 1839”, acompanhamos o personagem Amleto e sua modificação, no batizado de um dos seus filhos. Do três, um se tornou poeta, outro bispo e outro lutou na Guerra do Paraguai, surgem posteriormente Patrício Macário, Carlota Borromeia, nomes marcantes numa história que remete ao tema da afirmação das pessoas que colonizaram e posteriormente aquelas que povoaram o Brasil.

Características além do discurso indireto livre e ações das personagens como o desvio dos bens, espoliando a baronesa, a auto-indulgência do personagem, que vendeu as terras a um testa de ferro e depois vendeu tudo bem mais caro. O enriquecimento de Amleto mostra a ambição e os resultados de gerações marcadas pela corrupção, pela

desigualdade social e pela violência que traçou o destino de muitas vidas

A formação identitária, a decorrência dos fatos históricos e o comportamento local diferem a obra do romance histórico tradicional. O espaço/tempo e a relação do Brasil e seus colonizadores sob uma narrativa não linear, apresenta o que podemos chamar de percurso narrativo da metaficção historiográfica, a vida e seu legado (os fatos, a história tida como verídica como pano de fundo), sendo contada e tendo suas versões reproduzidas, revistas e ampliadas (ou modificadas) pelas gerações; o olhar do legado, carregando consigo as marcas de seus ancestrais; e o legado do próprio legado, totalmente vestido de ironia, em grande parte sua compreensão desenvolvida pelos leitores do século XX é atribuída aos fatos históricos, muitas vezes tão dispares e tão causadores de inconformismo ou estagnação.

A narrativa também traz uma consciência da existência política e cultural, com a linguagem aproximando-se do humor, mas não há beleza, ao contrário, impulsiona uma espécie de perplexidade. Os registros históricos percorridos pela narrativa de 1647 a 1977 envolvendo as personagens trazem para o leitor uma relação de grande consciência da identidade do povo, tendo em vista os eventos como a Invasão Holandesa, a Guerra dos Farrapos, a Guerra do Paraguai, Abolição, República e Canudos, o que leva, no mínimo a instigar os leitores a verificarem não somente a autenticidade dos fatos como também a abertura para novas opiniões do povo, tudo em decorrência de uma criação, ou sob a análise histórica e literária, uma recriação estética, contestadora e intertextual.

Se nos romances realistas, a proximidade da realidade como crítica é atuante, uma narrativa contendo elementos irônicos repletos de

paródia e sátira acentua ainda mais a intertextualidade que leva a uma reflexão quase direta, mesmo na fruição de uma leitura, aguçando o leitor a descobrir as revelações que as próximas páginas reservam.

Samoyaut (2008) na introdução de A Intertextualidade nos mostra a seguinte definição:

> O termo intertextualidade foi tão utilizado, definido, carregado de sentidos diferentes que se tornou uma noção ambígua do discurso literário; com frequência, atualmente, dá-se preferência a esses termos metafóricos, que assinalam de uma maneira menos técnica a presença de um texto em outro texto: tessitura, biblioteca, entrelaçamento, incorporação ou simplesmente diálogo.

Eis que no romance podemos encontrar diversas partes dessas definições, ainda que sejam ambíguos, é considerável que o discurso presente nos capítulos seja fortemente marcado pela relação da história ocorrida e da criação elaborada, bem como o tão bem desenvolvido entrecruzamento proposto pela narração.

Ao afirmarmos que o romance contesta verdades, temos uma série de acontecimentos e de personalidades ilustres que ratificam tal significado para o tema, por meio da mudança nos grafismos e toda a formação do povo em questão.

Dentre um apanhado de culturas existentes no Brasil, o livro também aborda a questão metaficcional do ponto de vista geográfico, étnico e, sobretudo no âmbito da sociedade disposta em classes, a respeito da variedade cultural, como escreveu Bosi (1992. p. 308):

> Os critérios podem e devem mudar. Pode-se passar da raça para nação, e da nação para a classe social (cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa, cultura operária), mas, de qualquer modo, o reconhecimento do plural é essencial.

Assim, os propósitos apresentados em Viva o Povo Brasileiro oferecem uma gama de temas relacionados a um único ponto de partida: a cultura e suas diferentes manifestações, que não surgem espontaneamente e sim decorrentes de uma série de imposições de outras culturas e ações determinadas a uma sobreposição.

2 A paródia e a sátira nos capítulos; traços enriquecedores da metaficção historiográfica

Dentre os elementos que constituem o ritmo do romance estão a paródia e a sátira, dentro de uma significação capaz de levar ao leitor uma perspectiva de humor intercalada com forte crítica, a paródia, sendo uma releitura causadora de comicidade de alguma composição literária, pode ser encontrada em diversos trechos do romance, como a passagem em que o Barão encontra o escravo que ainda não sabe se comunicar em português e repete “leça, leça”, referindo à caleça, seguida da reação do Barão de modo esdrúxulo, grosseiro, soberbo e entediado.

A ironia e deboche são na maior parte das vezes, as grandes vias da paródia, é nesse contexto que os capítulos são reforçados por tais atributos. Por ser muito semelhante com a obra original, é comum que apresente sentidos diferentes.

A paródia se manifesta a partir de uma diferente interpretação, sendo claramente observada desde o primeiro capítulo do livro, no momento em que é mencionado o Alferes José Francisco Brandão Galvão, avançando pelos discursos dos capítulos seguintes, mostrando uma espécie de recriação de algo que já existia, o que podemos apontar como a formação do Brasil e, de modo abrangente, temos por consagrada essa formação que ganhou uma conotação quase uniforme nos livros didáticos de História.

Entendendo que a finalidade da paródia é uma adaptação de algum acontecimento levado a um novo contexto, transformado em versões distintas ganhando contornos de leveza aparente, nota-se que ao conhecer o percurso dos primeiros colonizadores do Brasil, a obra de João Ubaldo Ribeiro envolve o leitor e descortina o tom da paródia, ou seja, a mesma aparente leveza dá lugar ao aspecto crítico sem perder o humor.

Como se aproveitasse a referência da historiografia transmite as mais diferentes reações, como indignação, alegria, provocação, risos em torno da ironia e inevitavelmente, a reflexão, pois toda a reação presume-se que, na maioria das vezes, resulta de um entendimento, ou mesmo um suposto entendimento, que é a interpretação de um texto.

A paródia, podendo ter intertextualidade, fornece ao texto de Viva o Povo Brasileiro, grandes momentos de reconhecimento, de pensamentos voltados à formação identitária, das referências locais e históricas que conferem uma reavaliação da realidade outrora instituída, como o populismo, o nacionalismo e o expansionismo.

A metaficção historiográfica presente na obra traz a ironia sob estas duas formas: a paródia e a sátira, em vários dos discursos. A

sátira, partindo da ideia de que se trata de uma técnica artística ou literária que seja capaz de ridicularizar algum tema referido, que podem ser pessoas, grupos, lugares, encaixa-se na definição procurada dentre as características da obra, na maior parte das vezes revela-se uma crítica, de aspecto social, político e filosófico, tendo como meta uma espécie de provocação para algo se modifique ou seja visto e repensado.

Assim ocorre na maior parte dos discursos presentes nos capítulos do livro, acontecimentos como a ocupação portuguesa, a vinda da Família Real, o Estado Novo, a Ilha de Itaparica, narrativas de núcleos diferentes que se intercalam por um fio condutor de personagens familiares, como Perilo Ambrosio, Amleto, Maria da Fé, Vevé, Patrício Macário, Nego Leléu e Vu.

Pela revisão brasileira de literatura contemporânea, a análise e interpretação do romance compreendem o enredo, personagens, tempo, espaço e narrador como principais elementos. Sob o enfoque de uma crítica estética, a obra analisada é uma verdadeira quebra dos parâmetros considerados tradicionais, já diante de uma crítica estética há um novo caminho, ainda que recriado, de cunho novidadeiro e capaz de convidar o leitor a uma reflexão mais direta.

É possível afirmar que há um posicionamento sobre fatos históricos, repleto de ironia diante de um conjunto de temas polêmicos em sociedade, tais como racismo, preconceito de classes sociais, exploração desmedida da mão de obra, violência para obtenção de interesses, a imposição desigual da força física, das armas, o abuso de autoridade, a agressão contra as mulheres, o estupro numa época ainda longe de ser condenado pelas leis, e a memória deturpada, que modifica

traços de caráter das personagens antigas, na visão das personagens do século XX.

Neste contexto, as abordagens ganham ainda mais humor satírico e crítico, por meio de acontecimentos como a ocupação da Bahia pelos holandeses, no século XVII, a fuga para o Recife, o canibalismo e sua forte representação, a Irmandade, além da necessidade da figura do herói e da crença, como por exemplo, a personagem Maria da Fé, heroína que desafia o poder, sendo mulher inserida numa sociedade extremamente machista, como pode ser conferido quando está disfarçada de capitão no enterro do avô.

Diante de uma perspectiva sociológica, a metaficção historiográfica presente no romance também aborda uma base material em que aponta a possibilidade da mudança de todo o povo, ou seja, não há um fechamento opinativo, uma sentença, ao contrário, a crítica possibilita novos impulsos, os elementos que interferem nas construções e desconstruções são decisivos para a ocorrência dos eventos identitários.

O processo literário, observado além do instinto de nacionalidade, traz um conceito de identidade mais reflexivo, a partir dos pontos de vista que podem ser modificados, pois a marca identitária está no texto, sob espécie de transgressão na escrita realista convencional, em especial no enredo dos capítulos referentes ao século XIX.

Há implicações da integração do romance ao conjunto de discursos, por exemplo, o número de episódios distribuídos de forma não linear, e em especial, o ano de 1827 contendo o triplo de vezes dos outros anos (1647, 1822, 1897 com dois episódios, 1846 e 1866 com três, 1863 e 1871 com quatro e os demais anos com apenas um episódio), tornando assim praticamente o centro das atenções do

enredo, contendo as concepções ideológicas e fatores que formam a unidade multiforme de sua instância, quando surgem as transformações sociais das personagens, como Patrício Macário, da confluência entre a textualidade da obra e sua constituição, ao notarmos que o tempo modifica os seres humanos em aspectos que se deparam com a modernidade, a tecnologia, as descobertas e invenções, não obstante a repetição de comportamento ambicioso e egocêntrico de muitos, não importando o que custe ao próximo.

Determinados protocolos sociais também são observados, desde o sincretismo religioso até mesmo a negação das origens, como é possível observar quando o personagem modifica o sobrenome e tenta esconder a própria mãe, configurando uma reprodução característica da busca de uma afirmação. Na qualidade do que se considera como idêntico, o reconhecimento, a paridade, formam caracteres próprios e exclusivos de um povo.

Ao perceber um texto literário como dimensão de arte, nota-se que existe uma transcendência do universo narrativo que não é nada simples, no entanto, paradoxalmente é uma via de reconhecimento quase imediato, devido a uma escrita corrente, tal como a epígrafe apresenta que “O Segredo da verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias”, dando margem a um olhar para a sociedade pós-moderna, com representações artísticas e estéticas.

As raízes culturais não estão evidenciadas em oposição, mas sim como uma forma informativa e reflexiva na utilização de uma narrativa muito bem delineada. O contexto histórico vem a ilustrar uma gama de acontecimentos mais do que pitorescos e interessantes, são retratos de uma historiografia conduzida por um forte enredo. Hutcheon, em *Poética do Pós Modernismo,* (pag. 146), aponta que “a metaficção historiográfica

sugere que verdade e falsidade podem não ser os termos corretos para discutir a ficção", o que nos leva a ampliar os conceitos sobre algo que não pode ser ou ter um resultado absoluto, não se tratando de uma ciência exata, as interpretações são múltiplas e cada vez mais os espaços são abertos para novas tendências, opiniões e o debate sobre a obra, o que pode ser algo muito bem vindo, posto que toda a discussão é advinda do conhecimento da obra.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345:

CÂNDIDO, A. Literatura e sociedade. SP. Ed. Nacional. 4ª ed. 1955.

HUTCHEON, L. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz – Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1991

SAMOYAULT, T. A intertextualidade. Trad. Sandra Nitrini. Rev.Maria Letícia Guedes Alcofonado e Regina Salgado Campos. Ed. Aderaldo & Rothschild. São Paulo, 2008

RIBEIRO, J. U. Viva o povo brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 14ª ed. 1984.